

## Trajetórias Intelectuais

### Michael Burawoy[1]

Por Jeff Byles[2]

Numa gélida manhã de fevereiro em 1985, o sonho de Michael Burawoy [3] se tornou realidade. Ele passou debaixo do portão número um da *Lenin Steel Works*[4], marco zero do centro industrial húngaro, e encontrou-se de barriga colada com um bucho arrotador de chamas de enxofre saídas de um forno de 80 toneladas. Isto não era nenhum *tour* cinco-estrelas do sociólogo de Berkeley. Ao longo de três períodos espaçados, que totalizaram um ano, este seria o emprego de Burawoy – junto com sete camaradas do time de trabalho chamado a Brigada Socialista da Revolução de Outubro – dirigir essa nave herege, na qual ferro-gusa derretido e fragmentos de aço são fundidos numa banheira turva e furados com oxigênio de alta pressão atingindo temperaturas superiores a mil e seiscentos graus. “Um Boeing levantando vôo”, ele escreveu depois acerca dos trabalhos sob alta tormenta, “não podia ser mais barulhento.” Isto deve ter sido música para os ouvidos de Burawoy. “O sonho de minha vida era ter um emprego numa siderúrgica de um país socialista”, ele disse recentemente numa conferência para estudantes de graduação de sociologia na Universidade de *New York*, acrescentando desconcertado: “eu acho que eu sou a única pessoa no mundo que teve este sonho.”

Ele é um acadêmico raro que pode adicionar o título “*O Forno*” (*The Furnaceman*) em seu *curriculum vitae*. Pelos últimos vinte anos, Burawoy, 53, tem sido um sociólogo *underground*, rabiscando notas de campo colhidas no chão de fábrica e daí disparando críticas contra a ordem global. Ele trabalhou dez meses como um operador polivalente de máquinas numa oficina de motores no sul de Chicago, deu duro numa fábrica de *champagne* na Hungria, e passou mais de um ano trabalhando no departamento pessoal de uma mina de cobre zambiana. A mensagem que ele levou para casa? Não acredite no engodo do livre mercado até que você tenha vivido isto a fundo. E atingir o fundo na bicentenária *Lenin Steel Works* foi para Burawoy um marco definitivo em sua carreira. Foi minha “*pièce de résistance*”, ele diz numa entrevista. “Eu finalmente cheguei ao coração da classe trabalhadora socialista.”

Você poderia chamá-lo o Walter Benjamin da paisagem pós-soviética devastada. Professor da UC Berkeley desde 1976, o autointitulado trabalhador-acadêmico itinerante tira um semestre em quatro, e a maior parte de seus verões, vasculhando depósitos e ferros-velhos em busca de pequenas pistas que revelem detalhes das vidas comuns – digamos, como o selo posicionado acima da broca radial que ele manuseava na fábrica de automóveis Húngara onde se lê *Csepel*[6] *Machine Factory, 1959* – exatamente como escreveu Benjamin sobre as galerias de Paris, onde os entulhos da cultura de massa se insinuam aos que por ali caminham. Mas Burawoy não é um *flâneur*[7] da fábrica. Seja numa fábrica de borracha em Moscou ou, mais

recentemente, acompanhando uma fábrica de móveis na cidade do círculo ártico de *Skytykvar*[8], ele imerge no que chama de “*politics of production*”[9]. Depois, está de volta aos *tie-dyes* da *Telegraph Avenue* e ao relativo luxo do *Barrows Hall*[10], onde agora comanda o departamento de Sociologia, para refletir sobre seus encontros com o mundo industrial da classe trabalhadora. “Eu tenho quase duas personalidades”, ele explica de maneira simples, “e eu gosto de pensar que uma complementa a outra.”

A bipolaridade o serviu bem. De acordo com alguns, Burawoy virou a sociologia industrial de cabeça para baixo, utilizando o método do caso estendido (“*extended case method*”[11]) – acumulando dados através de observações participantes – para jogar pás de areia sobre os numerosos trabalhos de uma certa sociologia de poltrona. Seu relato sobre a oficina de máquinas em Chicago, *Manufacturing Consent*, se tornou um texto canônico; *The Radiant Past*, um livro sobre a Hungria que em co-autoria com János Lukács, em 1992, lê o tempo como um roteiro engenhoso para um filme perdido de Elia Kazan[12]. E no ano passado ele publicou *Global Ethnography*, uma colaboração com nove alunos de graduação que investiga, a partir da vivência de seus agentes e vítimas, o escorregadio conceito de globalização – clientes do *welfare*, recicladores sem casa, ativistas do câncer de mama, engenheiros de software.

Burawoy não se gaba. “Tecer assertivas sobre o que está acontecendo no globo como um todo é uma coisa muito audaciosa e talvez imprudente para fazer”, ele diz. “Meu foco principal foi trazer uma pequena contribuição para movimentar a sociologia numa direção crítica. Como um marxista, eu tento trazer visões do chão da fábrica para a academia, recuperar visões a partir de baixo que podem informar alternativas para o futuro. Eu acho que isto é o que foi perdido.”

Os estudantes de graduação atraídos por tais visões rumaram em direção ao escritório do professor com mochilas recheadas com volumes de Gramsci e Foucault. “Particularmente em Berkeley, tem havido um ressurgimento do interesse pelos estudos sobre trabalho (*American labor*)”, diz Burawoy, “apesar da história seguir cada vez mais desoladora.” Enquanto cresce o trabalho de campo entre os estudantes, contudo, o trabalho de Burawoy continua mais pesado que o da maioria. “Poucas pessoas vão e arrumam um trabalho, na verdade. Normalmente não é tão fácil.”

Na verdade, é bem difícil. Para Burawoy arranjar um serviço na *Lenin Steel Works*, foram necessários esforços diplomáticos de seu companheiro sociólogo Lukács e dos favores de um familiar deste no comitê central do partido no poder. “Eles não estão muito entusiasmados com um sociólogo americano fazendo este tipo de trabalho”, Burawoy lembra. “Isto é sagradamente fora dos limites para um estrangeiro.” Havia também uma possibilidade ilustre de ter um professor americano morto em suas mãos. Durante o tempo de serviço de Burawoy na planta um trabalhador foi queimado vivo; um colega de brigada teve sua perna picada em duas depois de ser preso debaixo de um tubo de aço. “Aquele era um lugar realmente perigoso”, ele diz. “Se uma gota de aço fundido atingisse você, você estava morto.”

A ameaça constante do perigo teve um efeito levemente cômico de fazê-lo mais querido à vista de seus camaradas - pelo menos na Hungria. “Eu não sou um trabalhador competente”, ele admite. “Uma das coisas mais interessantes é ver como os trabalhadores qualificados respondem a alguém incompetente como eu. Em Chicago eles estavam aborrecidos. Na Hungria eles achavam fascinante, se aproximavam e me ajudavam. Na Rússia eles ficaram aborrecidos também.”

Felizmente, a brigada da Revolução de Outubro simpatizou imediatamente com ele. Quando ele não podia agüentar mais os carços de gordura de porco que seus companheiros improvisavam para refeição, sobrevivendo à base de yogurt diluído, ele foi rebatizado por seus camaradas de “*kefir*[13] *furnaceman*” (eles também o apelidaram de Jackson, por causa do globalmente icônico Michael Jackson). A camaradagem foi selada antes da visita de um dignitário do Estado, quando os trabalhadores foram ordenados a pintar seus depósitos de escória de amarelo brilhante. Burawoy pôde somente surrupiar um pincel preto e pintar as pás do grupo dessa cor. Quando um supervisor lhe pediu explicação, ele respondeu hesitante: “que, bem, estava ajudando a construir o socialismo.” Um camarada devolveu com um humor negro: “Você não está construindo o socialismo, mas pintando o socialismo, e de preto neste caso.”

A metáfora se tornou poderosa. Os trabalhadores na planta foram forçados a pintar sobre desperdícios e favoritismos estimulados pelos gestores intrometidos. Quando Burawoy e Lukács, que estudou administração enquanto Burawoy inclinava-se à fornalha, reportaram isso aos oficiais da planta, estes o tomaram friamente. “Nós argumentávamos que numa economia socialista há muita incerteza, escassez e similares”, Burawoy diz. “A única maneira de lidar com isso é a flexibilidade no chão de fábrica. Nós acusamos os administradores de minar constantemente a autonomia dos trabalhadores.” Os administradores ficavam indignados. “Eles diziam: façam o estudo de novo. Nós refazíamos contentes.”

A *Lenin Steel Works* descartou a maior parte dos seus empregados e foi comprada por uma companhia eslovaca em 1997, uma das muitas fábricas da Hungria oriental crepitando enquanto o mercado global sugava capital da região. “Lá eu estava com meu nariz enfiado na máquina, enquanto toda fábrica do socialismo de estado desmoronava”, diz Burawoy. Então ele ajusta as coordenadas para o último destino socialista no mapa. “Eu peguei o último avião partindo de Budapeste e fui para Moscou.”

Frustrou-se novamente. “Eu fui para lá em junho de 1991, em agosto o lugar estava desintegrado”, diz. “Todo lugar que ia entrava em colapso logo depois. Agora meus amigos não vão me deixar ir a lugar nenhum. China? Cuba? Eles dizem: não. Você fica no Círculo Ártico.” Há trabalho para ser feito de qualquer jeito, e a vida é barata. Mesmo recebendo subsídios da *Mac Arthur e da National Science Foundation*, ele mesmo cobre frequentemente suas contas. “Eu simplesmente vou”, ele diz. “Viver na Europa oriental não custa muito. São minhas férias de verão. É como ir ao *Club Med*.”

Pena, aquelas praias cobertas de dejetos industriais tinham quase todas sido saqueadas ou privatizadas, o que na Rússia da Komi República equivalia à mesma coisa. Essa reviravolta nos eventos veio a calhar bem com sua carreira. “É um grande problema trabalhar no chão de fábrica quando se está com 53 anos.” Na última década ele estava voltando para *Syktyvkar*, um posto avançado densamente florestado, repleto de campos de trabalho até 1950. “Nesta parte da Rússia, em que eles nunca viram um estrangeiro, deixar sozinho um americano, um professor americano que quer trabalhar num chão de fábrica”, lembra de sua primeira visita a *Polar Furniture Enterprise* (algo como empresa de móveis Polar). “Isso era demais.”

Burawoy experimentou o mínimo das preocupações deles. Enquanto a União Soviética implodiu e um capitalismo puído de mercado se espalhou, os salários dos trabalhadores foram derrubados, e depois desapareceram. Alguns foram pagos em manteiga, outros em madeira. Burawoy voltou em 1995 e achou a maior parte da fábrica na escuridão; a planta estaria rapidamente liquidada. Ele estava agora investigando o destino dos funcionários da *Polar*, com foco na moradia e gênero. “Os homens se tornaram progressivamente marginalizados quando seus empregos desapareceram,” explica Burawoy. “A expectativa de vida caiu para 59 anos durante os primeiros anos do período pós-soviético. A sociedade russa como um todo havia sido re-camponeisada.”

Esse verão significa mais trabalho em *Syktyvkar* com os colegas Pavel Krotov e Tatyana Lytkina[14]. Sua etnografia incansável pode levar a crer que Michael Burawoy é simplesmente um amante do trabalho. Mas não, diz ele. Pode parecer loucura, mas há metodologia nisso: “Eu não amo trabalhar no chão de fábrica. Eu estaria muito mais feliz sentado em meu escritório. Mas existe pouca pesquisa do tipo etnográfico sobre a Rússia. Muito do que foi escrito não toca de fato a existência do dia a dia das pessoas, sinto dizer.”

Além disso, um pouco de humildade ajuda na oficina mecânica da universidade moderna. “É bom ser humilhado de vez em quando”, diz, lembrando sua vexação no chão de fábrica. “É bem saudável. Eu acho que toda a academia devia fazer este tipo de trabalho.”

## NOTAS

[1] Tradução de Igor Peres (membro do Comitê editorial da *Revista Habitus* e mestrando do Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP/UERJ). Daniela Silva de Freitas (Mestre em Literaturas de Língua Inglesa – UERJ) traduziu parte do texto e o revisou por inteiro. Este artigo foi publicado originalmente em *The Village Voice*, noticiário alternativo americano, sob o título *Tales of the Kefir Furnaceman A Rovving Ethnographer's View From the Factory Floor*, em 10 de abril de 2001. Uma versão ligeiramente modificada do texto apareceu na edição setembro/outubro, volume 31, número 07 da *Footnotes*, boletim da *American Sociological Association (ASA)*, em 2003. Agradeço a Jeff Byles, autor do presente texto, a autorização para a tradução e publicação do artigo. Agradeço ao professor Michael Burawoy pela oportunidade de tornar pública em português um pouco mais de sua trajetória. Agradeço também a Marco Aurélio Santana e a Ruy Braga a oportunidade de entrar em contato com o professor Michael Burawoy em 2011 em Caxambu, Minas Gerais.

[2] Jeff Byles vive em Nova Iorque. É editor e jornalista interessado em arquitetura e co-autor com Ann Ferebee do recente *A History of Design from the Victorian Era to the Present*, 2011.

[3] Michael Burawoy, o personagem deste texto de Jeff Byles, é graduado em Matemática pela Universidade de Cambridge tendo efetuado sua pós-graduação em Sociologia na Zambia e na Universidade de Chicago. Já foi presidente da *American Sociological Association* (ASA), hoje preside a *International Sociological Association* (ISA) e leciona sociologia na Universidade da Califórnia, Berkeley.

[4] Siderúrgica.

[5] Distrito de Budapeste.

[6] Termo francês, oriundo de *flâner*, que significa perambular.

[7] Capital da República do Komi na Federação Russa.

[8] Este termo que em tradução livre significa “políticas da produção” foi sistematicamente trabalhado por Burawoy em *The Politics of production: Factory Regimes Under Capitalism and Socialism*, 1985 e *Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process Under Monopoly Capitalism*, 1979 e representa um esforço conceitual do autor para compreender as articulações complexas entre controle e consentimento no chão de fábrica.

[9] *Telegraph Avenue* e *Barrow Hall* localizam-se em Berkeley. A primeira é uma rua de quase sete quilômetros que chega a seu final nas redondezas de Berkeley. O segundo é o nome de um prédio localizado no interior da Universidade destinado a áreas com o ciência política, sociologia, estudos afro-americanos, estudos latino-americanos, dentre outros.

[10] Este é o título do mais recente livro de Burawoy: *The Extended Case Method: Four Countries, Four Decades, Four Great Transformations, and One Theoretical Tradition* (University of California Press), 2009, que trabalha detalhadamente esta idéia do *extended case method* com base em suas pesquisas de campo.

[11] Cineasta Greco-americano (1909-2003)

[12] No contexto deste artigo, a palavra kefir refere-se a algo relacionado ao leite ou produtos derivados deste.

[13] Pavel Krotov professor da *University of Wisconsin*, Madison, USA e Tatyana Lytkina da *Komi Science Center*, Russia, publicaram com Burawoy estudos sobre os impactos do movimento de transição sócio-política vividos por sociedades integrantes da antiga União Soviética.